

Resenha

ORY, Pascal. *L'Histoire culturelle*. Paris, Presse Universitaires de France, 2004.

Pedro Paulo A. Funari¹

Pascal Ory, professor da Sorbonne, estudioso da História Cultural e autor de outros clássicos sobre o tema, como *L'Entre-deux-Mai: histoire culturelle de la France, mai 1968 - mai 1981* (Paris, Le Seuil, 1983), apresenta um balanço das discussões sobre a trajetória e principais questões epistemológicas desse campo de pesquisa, não apenas na França, como também em outros países, em especial no ambiente anglo-saxão. Começa pelas raízes mais profundas, que localiza na sociologia durkheimniana e nas subseqüentes discussões sobre representações mentais coletivas e sobre as identidades. Define a História Cultural, assim, como a História Social das Representações. Mostra como os textos não existem sem seus paratextos, sendo a História Cultural uma História da circulação e do relacionamento.

Volta-se, em seguida, para os debates gerados por essa abordagem e, portanto, para as objeções apresentadas por seus detratores, que se referem à subjetividade da representação, ao papel da exceção à regra da representação dominante, à diversidade das formas. Conclui que o objeto da História Cultural é a regra, no que retoma as origens durkheimnianas da disciplina, e que o conceito de *aculturação*, criticado na Antropologia, continua útil para os historiadores. Esclarece, contudo, de que *aculturação* se trata: das influências culturais entre culturas dominantes e dominadas (cultura das elites e culturas populares), centrais e periféricas. Ao enfatizar os aspectos coletivos da cultura, critica um dos erros típicos, a seu juízo, da História Política, que consiste em supor que os homens políticos de peso são grandes teóricos, conhecedores das obras de referência da ideologia que esposam quando, no mais das vezes, têm um conhecimento apenas indireto, por meio da leitura de epígonos e vulgarizadores. A História Cultural desconfia *a priori* das interpretações unificadas que falam de um homem simplificado e racional, e defende que o ser humano é atravessado ou mesmo animado por contradições internas.

Dedica atenção particular à genealogia da disciplina, a começar com Heródoto, Tucídides, passando pela História da Civilização (século XIX), a busca das mentalidades (com os *Annales*). Mostra como os *cultural studies* anglo-saxão e a *Alltagsgeschichte* (História do Quotidiano, no mundo de fala alemã) ligam-se à desconstrução tão bem representada por Jacques Derrida, Michel Foucault, Michel de Certeau e Gilles Deleuze, mas

¹ Professor Titular da Universidade Estadual de Campinas. Email: ppfunari@uol.com.br.

também à releitura da Escola Marxista de Frankfurt, ao subjetivismo de Collinwood, à Sociologia de Pierre Bourdieu, ao conceito de *Weltanschauung*. O tradicional privilégio acordado ao documento escrito (de arquivo ou impresso) é complementado pelo uso de outros documentos, como os arqueológicos, mas também os virtuais, digitais, sonoros, visuais, assim como não se podem perder de vista os aspectos técnicos, econômicos e políticos da cultura. O próprio corpo humano vê-se constrangido por regras culturais de comportamento. Lembra o papel da hermenêutica, derivada da Lingüística, a partir dos estudos inovadores de historiadores da Antigüidade, como Detienne, Vernant e Vidal-Naquet.

Ory situa a História Cultural no contexto historiográfico e acadêmico de nossa época, envolta na subjetividade e na diversidade de pontos de vista, de interesses e práticas. Mostra, contudo, como suas fontes de inspiração epistemológica são muito variadas. A História, como disciplina, não almeja produzir uma epistemologia própria, voltada que está, por definição, ao particular, específico, irrepetível, efêmero, como já advertia Aristóteles. A Filosofia e, modernamente, outras disciplinas como a Lingüística e as Ciências Sociais, fornecem esses quadros heurísticos. A História Cultural, até por lidar com a cultura, “o conjunto das representações coletivas de uma sociedade”, beneficia-se de uma pletora de conceitos, nem sempre da mesma origem ou com os mesmos pressupostos, mas que podem ser agenciados pelo historiador cultural de forma original e eclética, de Marx a Collinwood, de Heródoto a Foucault. Se não tivermos isso em mente, poderemos entender como confusão e falta de fidelidade aos cânones algo que é inerente à História Cultural e que faz parte de sua riqueza.

Em seguida, e não menos importante, está a variedade do campo documental, que engloba um universo bem mais amplo do que o tradicional documento escrito, proveniente da tradição textual, arquivístico e/ou impresso. A História Cultural não pode prescindir das representações sonoras, visuais, materiais e, por isso, interage, intimamente, com disciplinas afins, como a Música, as Ciências da Comunicação ou a Arqueologia. Por fim, a diversidade de pontos de vista, de objetos, de abordagens, que caracteriza a História Cultural, revela sua mais importante característica, um dos motivos de seu grande êxito: o pluralismo e o respeito à diversidade. Ao afastar-se do discurso a ser seguido, do caminho correto, da reta 'opinião' (*doxa*), para usarmos um termo de Bourdieu, retomado dos gregos (*ortodoxia*), a História Cultural abre caminhos inovadores para a pesquisa e para a prática social e atrai a tantos, insatisfeitos com a submissão à *doxa*, seja ela qual for.